

O Estado de S. Paulo

18/5/1984

Notas e Informações

Vamos todos cirandar

O pleito direto de 1982 renovou as esperanças da população na constituição de governos que a fizessem esquecer o passado recente, de trisse memória — quando a gestão dos negócios estaduais foi entregue a titulares designados em Brasília, não raro incompetentes, além de pouco interessados no desempenho das funções a que os guindou a oligarquia dominante. Receber o poder de graça é meio caminho andado para não lhe conferir o valor de que se reveste. A verdade, entretanto, é que esses novos governos, uma vez instalados nas principais unidades da Federação (exceção do Rio Grande do Sul, ocupado pelo PDS), logo se revelaram extremamente parecidos com os anteriores, pedessistas e indiretos. Para desfazer a atmosfera de descontentamento que se adensava, o presidente do PMDB lucubrou uma saída hábil para o malogro que já se desenhava nitidamente.

Explicou o deputado Ulysses Guimarães, à guisa de justificativa para a decepção que ia colhendo o eleitorado peemedebista: esquecemos como se governa. Em São Paulo, decorridos entretanto quatorze meses, desde a inauguração do atual quadriênio, é preciso proclamar além do estranho esquecimento, evidencia-se uma lamentável incapacidade de aprender como se faz funcionar o Executivo. Isso, dando-se de barato a aceitação da desculpa esfarrapada, do comandante *diretista* da maior agremiação oposicionista. Mais de cinco milhões de votantes que sufragaram neste Estado a legenda do PMDB hoje se sentem desamparados, frustrados em sua aspiração legítima de ver uma administração pública operosa e capaz de dar solução aos grandes problemas que herdou (cuja gravidade não era ignorada pelos que pleitearam o apoio do povo para chegar ao Palácio dos Bandeirantes). Sentem-se desesperados ao ver que essa administração, além de enrolar-se em tais problemas, tropeça em outros, que ela mesma criou, e ante os quais permanece paralisada, amesquinhando-se no julgamento da opinião pública.

A abulia que distingue a autoridade parece contagiar as bancadas do partido no Legislativo federal, na Assembléia, e irradia-se até as Câmaras municipais. O peemedebista que exerce hoje mandato eletivo é, antes de tudo, um fraco: é alguém que dá mostras de suspeitar de todos, de não saber exercitar liderança — dir-se-ia envergonhado por não ter como explicar a falta de cumprimento das promessas radiosas contidas na mensagem tocante da democracia participativa. Não sabendo o que dizer, recolhe-se, como caramujo, na própria concha, ignorando o que sucede ao redor. No início, encheu a boca com a menção aos cinco milhões e mais de votos dados ao partido, consagrando-o no Estado. Agora, não tem ânimo para falar e agir em defesa da população inquieta, por bons motivos, com a onda de desordens que assola São Paulo. Claro, há muitos desses cinco milhões de eleitores entre os cortadores de cana que se deixam engazopar pela turba integrada por técnicos-agitadores do PT, padres progressistas e comunistas, aliados na empreitada sinistra de impedir os *bóias-frias* de Guariba e Bebedouro de ganharem o que jamais ganharam — mais do que muitos profissionais liberais e funcionários, nos grandes centros paulistas. Onde estão as lideranças peemedebistas? Que pretendem elas, abandonando a maioria dos eleitores à minoria ativista que está tomando conta de tudo e impondo sua vontade para conduzir os acontecimentos?

Não se enganem os próceres do PMDB: o povo já lavrou sua sentença; e sabe muito bem o que pensar do peemedebismo solidário, que só sabe dar-se as mãos na hora de dançar "ciranda, cirandinha, vamos todos cirandar" nos palanques dos comícios-show, tocada pelo realejo de Lula. É curioso vê-los tirar o paletó e a gravata, arregaçar as mangas, discursar e

posar de populistas até o final da reunião — então vestem o paletó e a gravata e vão para casa. Eis a realidade: a vantagem da iniciativa pertence ao PT, que tem os sindicatos sob controle e lhes explora os filiados para promover agitação, dando o tom da música que quer ver dançada. Enquanto isso, o governo mostra que se acoelhou, sabotado por dentro. É o caso de indagar se o governador, já que mudou o secretário dos Transportes, não quer dar alguns passos à frente e exonerar os auxiliares imediatos que, desde março de 1983, só lhe prestam desserviços.

A prova de que o governo não funciona são os fatos que aí estão, à vista de todos, evoluindo de acordo com a estratégia dos que os desencadearam. Só no Palácio dos Bandeirantes não foi possível antever o que ocorre. E como poderia, se lá mesmo se cuidou de acabar com a informação para administrar em regime de vôo cego? Quem faz questão de ser desinformado paga fatalmente o preço de tamanha ingenuidade — e é sempre o último a saber das coisas. De fora, já se tinha conhecimento dessa greve (de resto, malograda) nos transportes coletivos da Capital. Surpresa, se houve, para os incautos, resultou da manobra diversionista dos ativistas que a chefiaram, preparando o público para crer que a parede teria, como palco o metrô e desviando-a rapidamente para os ônibus. Quanto ao que acontece no Interior, basta ler o noticiário da imprensa hoje até mesmo uma criança das zonas conflagradas há um mês poderia prever o levante que ameaça o Nordeste paulista, abrangendo Ribeirão Preto, Guariba, Barrinha e Bebedouro. Com receio de adotar as medidas adequadas à preservação da ordem, o governo cooperou por omissão para a situação criada — e para lhe pôr fim teve de recorrer a providências enérgicas, que não são de sua índole.

Para remate, convém assinalar o que há de grave no quadro que se esboça. Resistente a todos os desestímulos que lhe impõem os que procuram desencaminhá-lo, o povo brasileiro, seja onde for, é ordeiro e pacífico. E na hora em que funcionar a democracia, por intermédio da consulta às urnas, saberá premiar com sua escolha os partidos verdadeiramente democráticos (como o souberam argentinos, equatorianos, panamenhos e salvadorenhos). No entanto, se persistir o vazio aberto pela infeliz experiência a que se assiste agora, que restará ao povo? Daí o risco que se corre de ver retornar, triunfante, o malufismo, renovado e maquiado para atrair a massa desamparada pelo peemedebismo. Pois ninguém duvide, depois de perder a parada do Planalto, o sr. Salim Maluf se voltará para cá, a fim de abocanhar o quinhão que lhe está reservando carinhosamente o sr. Franco Montoro.

São Paulo merece melhor sorte.

(Página 3)